



B ZOOM //

COMO ANDAM OS JOELHOS DOS SEUS FILHOS?



Se estão esfolados, é bom sinal. “São crianças saudáveis”, diz Carlos Neto, da Faculdade de Motricidade Humana. Para o investigador, o que é preocupante é aquilo a que chama “terrorismo do não” – pais que têm receio de tudo e acabam por não deixar os filhos fazer o que mais precisam nesta idade: brincar sem restrições, fazer lutas, cair e levantar-se. “Com a rua em vias de extinção, os recreios são a única alternativa que as crianças têm.”

TEXTOS *Catarina Correia Rocha,
Marta F. Reis e Melissa Lopes*
FOTOGRAFIA *Helena Poncini*



B Zoom // Dossier

5 DESAFIOS

2 Ir para a escola sozinhos

Oito anos Para o especialista, é "absurdo" viver a 100 metros da escola e fazer o trajecto de carro. A partir dos oito anos, recomenda, os pais podem e devem começar a incentivar os filhos a irem sozinhos. Seja a pé, de bicicleta ou de transportes.

3 Participar em projectos comunitários

Redes sociais Estar mobilizado nos projectos comunitários é meio caminho para conhecer os vizinhos e confiar nos adultos das redondezas. Envolver as crianças nos projectos locais faz com que se sintam mais seguras, defende Carlos Neto.

4 Ser turista na própria cidade

Explorar Muitas vezes as crianças não conhecem o local onde vivem e nunca exploraram a cidade ou vila. "Os pais têm de descobrir a criança que há dentro deles e voltar a sentir curiosidade pelo que os rodeia", recomenda o investigador.

5 Mais tempo em família

Gerir o tempo Gerir melhor a agenda e guardar pelo menos um dia por mês para passear também com os avós é o último desafio lançado por Carlos Neto. "Levem-nos à natureza. A olhar o céu em vez do chão e a descobrir as coisas simples."

Crescer. As crianças portuguesas são das que têm menos liberdade no dia-a-dia

Não vão sozinhas para a escola e são quase sempre os pais que as levam de carro. Não saem de casa à noite. Não vão brincar para o parque. Que adultos serão no futuro?

MARTA F. REIS
marta.reis@ionline.pt

Há 30 anos as crianças portuguesas começavam a ir para a escola sozinhas com oito ou nove anos. Agora, só aos 12 é que os pais lhes dão carta branca, mas a maioria vai mesmo de carro, embora vivam quase sempre a menos de meia hora da escola. Poucos são os que saem de casa à noite e, ao fim-de-semana, dominam as idas às compras e as visitas a familiares mais do que as idas ao parque com adultos ou amigos da mesma idade. Podia ser apenas um sinal dos tempos, mas um estudo coordenado pelo think tank Policy Studies Institute (PSI) concluiu recentemente que as crianças portuguesas são das que têm menos liberdade no dia-a-dia. Em 16 países analisados, Portugal surge em 14.º lugar a par da Itália e só atrás da África do Sul. Quem trabalha com crianças não estranha, mas não hesita em apontar consequências que os pais devem ter em conta na hora de tentar controlar tudo: crianças pouco autónomas são menos despachadas, mais inseguras, menos tolerantes e até podem chegar a adultos com défices ao nível motor e emocional.

A análise do PSI, que em Portugal contou com a colaboração de uma equipa de investigadores da Faculdade de Motricidade Humana, foi divulgada este Verão. Em altura de regresso às aulas, um dos autores do trabalho, Carlos Neto, defende ao i que os resultados devem dar que pensar e apela a uma mudança por parte dos pais portugueses. Segundo o especialista, há receios exagerados que depois passam inseguranças aos filhos e os acompanham pela idade adulta, ainda que o efeito se note logo em pequenos. "As crianças que não são confrontadas com o risco são as que estão mais propensas a ele", diz o investigador numa entrevista que pode ler nas páginas que se seguem.

O investigador tem uma expressão para a sociedade de medo em que pais e crian-

ças passaram a mover-se: o terrorismo do não. E avisa que as consequências a longo prazo podem ser significativas, já que crianças que não arriscaram e nunca lidaram com desafios na idade certa terão mais dificuldades em ser adultos empreendedores no futuro.

O TESOURO DOS PAIS Rita Jonet, psicóloga educacional no externato "O Nosso Jardim", em Lisboa, admite que não estava à espera de uma posição tão na cauda na comparação internacional sobre autonomia das crianças, mas diz que os sinais são visíveis há muito. "Os pais estão cada vez mais protectores em relação às crianças", diz a especialista.

Quanto às raízes deste problema, a psicóloga admite que estará mesmo na crise de natalidade que o país vai atravessando. "Os pais focam-se no único filho que têm, é o tesouro deles e não arriscam." E isso leva a outro problema que poderá explicar por que motivo as crianças em Portugal têm pouca liberdade nas idades mais novas: "O filho deles é a coisa mais preciosa mas não se importam muito com as outras crianças. Existe uma baixa cultura de considerar as crianças como pessoas como acontece nos países mais desenvolvidos, nomeadamente nos países nórdicos", diz Jonet.

É precisamente a Finlândia que lidera o ranking dos países em que as crianças têm maior autonomia em termos de mobilidade, seguida da Alemanha. E curiosamente é nestes dois países que os pais concordam menos com a ideia de que outros jovens e adultos nas redondezas são motivos para recear que as crianças brinquem na rua sozinhas. Em Portugal, quase 50% dos pais inquiridos tem esta preocupação e nesses países só dois em cada dez a expressaram no estudo do Policy Studies Institute.

Mas além da ausência de um sentido de comunidade, o próprio meio urbano pode fazer parte da equação. Carlos Neto diz que as cidades são pouco amigas das

Números

52,1%

Aos oito anos, metade das crianças vão para a escola de carro.

14,1%

Nessa idade, só uma em cada dez crianças vai sozinha para a escola

6,7%

São uma minoria as que vão com amigos. Dois terços vão com os pais

30,9%

Um terço das crianças não se sentem seguras, sobretudo as mais novas

13,8%

Só uma em cada dez crianças aos 8 anos está autorizada a atravessar a estrada sozinha



crianças, com poucos espaços de lazer. O pediatra Mário Cordeiro tem a mesma opinião. E acredita que mais do que a probabilidade rara de as crianças serem atraídas por predadores, que leva a algum excesso de zelo por parte dos pais, há efectivamente problemas no espaço urbano: "Os prédios não têm espaços livres comuns (pátios, jardins, logradouros) e a rua pode ser perigosa por causa do trânsito", diz. Para o especialista, isto e o conforto do "não" são razões evidentes para aquilo que chama sedentarismo claustrofóbico. "Estar em casa, sobretudo com uma consola ou um computador nas mãos, é meio caminho andado para não darem maçadas e estarem tranquilos e sossegados, sem fazerem birras nem precisarem de investimento dos pais", diz.

VENCER O MEDO Segundo o estudo do Policy Studies Institute, o maior receio por parte dos pais é que os filhos sejam atropelados. Já as crianças têm receio do que lhes poderão fazer os "estranhos" mas também de se perderem ou serem vítimas de bullying.

Mário Cordeiro defende que os medos devem ser contrariados, mas não há receitas fáceis. A autonomia e liberdade dependerá da criança, temperamento, maturidade e grau de responsabilização. Aos poucos, e conhecendo os filhos, os pais

poderão ir introduzindo as várias experiências de autonomia, recomenda. "Seja o caminho de e para a escola, ir comprar coisas ao lado de casa, brincar com amigos que morem ao pé", exemplifica.

Para Carlos Neto, tornar as escolas, nomeadamente os recreios, um espaço de maior experimentação é outra frente de ataque. Para o especialista, uma escola que reconhecesse mais a necessidade do risco para se aprender e crescer teria melhores resultados de que uma cultura de hipervigilância que se tende a instituir para dar resposta às inquietudes dos pais e evitar chatices nos recreios.

Rita Jonet sente esse braço de ferro entre o que lhe sugere a pedagogia e os receios dos pais, mas acredita que há forma de dar a volta mostrando bons resultados às famílias. No externato onde trabalha, começaram há uns anos a fazer uma experiência com os alunos da terceira classe, portanto aos oito anos. Têm uma actividade que consiste em dar recados a este alunos para fazerem na rua, por exemplo comprar maçãs. "Vão em pequenos grupos, acompanhados por alunos do 4.º ano", explica. "A ideia é que conheçam o bairro e se desenvolvam."

Segundo a psicóloga, se ao início os pais eram cépticos, hoje a maioria autoriza a aventura. Para Rita Jonet, só este tipo de intervenções permitirá que as crian-

As crianças têm medo dos estranhos e os pais dos atropelamentos

"Os pais focam-se no único filho. É o tesouro deles e não arriscam"

Rita Jonet
PSICÓLOGA INFANTIL



"A ecrã-dependência e o sedentarismo são uma pena não só pelo físico mas pela desumanização"

Mário Cordeiro
PEDIATRA

ças não cresçam só "grandes cabeças" com dificuldades sociais. "São crianças que vivem num mundo tão pequeno que por vezes, quando vamos a uma visita de estudo, sinto que se vêem alguém mais diferente têm uma reacção pouco natural, olham mais de lado", diz a psicóloga, alertando para um contra-senso de que por vezes os pais não se apercebem. "Dizem não a experiências que os podem fazer crescer mas para jogos, gadgets e horas de ir dormir muitas vezes não existem tantas limitações."

Se o sedentarismo e a consequente epidemia da obesidade são perigos conhecidos, Mário Cordeiro chama também atenção para o lado humano. "A ecrã-dependência, o sedentarismo, o isolamento, a transformação das relações sociais em páginas de Facebook são uma pena não apenas pela parte física mas pela desumanização das crianças e pelo aumentar do hiato entre o ser humano e a Natureza e o exterior", diz.

Mas se as razões espirituais não chegarem, que os pais pensem em coisas práticas. "Brincar no exterior ajuda muito a ter menos infecções, a ganhar defesas imunológicas e autonomia psicológica. Ajuda a crescer em todos os sentidos, enquanto estar sempre em casa, bloqueado num bunker, estiola e faz regredir, inclusivamente do ponto de vista intelectual."



Carlos Neto. “Estamos a criar uma sociedade de cativoiro para as crianças”

Investigador da Faculdade de Motricidade Humana alerta para os perigos de dizer sempre não às crianças por medo de que se magoem. E avisa que cortar-lhes a liberdade impede-as de serem adultos empreendedores

MARTA F. REIS (Texto)

marta.reis@ionline.pt

RODRIGO CABRITA (Fotografia)

rodrigo.cabrita@ionline.pt

Carlos Neto, investigador da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa, dedicou o último ano de licença sabática a partilhar as suas preocupações em torno de um problema que diagnosticou há 20 anos: o “terrorismo do não”. Diz que é preciso pôr fim a uma cultura em que os adultos, por receios muitas vezes exagerados, negam às crianças todas as hipóteses que têm de brincar, de experimentar, de correr riscos e de aprender com os seus erros. Em tempo de regresso às aulas, o especialista deixa um apelo a pais e educadores: não atralmem as crianças.

Vem aí a escola, o regresso à parte séria da vida para os mais novos. Teme pela qualidade de vida das crianças?

É uma questão de desenvolvimento. A escola não faz mal às crianças. Dá-lhes competências e saberes. Deve dar-lhes a possibilidade de serem curiosos e ferramentas para terem sucesso. Agora a escola é um contexto organizado e muitas vezes põe as crianças demasiado tempo sentadas. E é isso que tem preocupado investigadores e pedagogos: como é que, tendo de estar nesse espaço organizado, podem ao mesmo tempo brincar e experimentar livremente. O que temos defendido é um maior equilíbrio entre atividades formais e informais na escola. E, hoje em dia, o sistema educativo, principalmente dos 3 aos 12 anos – uma fase essencial em que as crianças através do brincar aprendem muita coisa – muitas vezes não tem isso em conta.

Através da brincadeira as crianças aprendem o quê?

A diversidade de situações em que as crianças se colocam permite-lhes adquirir instrumentos fundamentais para a resolução de problemas, para a tomada de decisão e permite-lhes também desenvolver uma capacidade perceptiva em relação ao espaço físico e em relação aos outros. A investigação tem demonstrado que, quanto mais tempo a criança tem de atividade lúdica e física no recreio, mais capacidade de concentração tem na sala de aula. Já para não dizer que manter o corpo activo é uma forma de combater o flagelo dos nossos tempos que é o sedentarismo. Os recreios podem

e devem ser melhor aproveitados.

Devia haver mais intervalos?

É um assunto que deve ser discutido e dependerá das idades. Mas os estudos sugerem que deve haver vários intervalos e mais distribuídos. Mas quando falo de aproveitar melhor o recreio, é aproveitá-lo enquanto espaço educativo e não pensar que é terra de ninguém, como acontece hoje. Os recreios fazem parte do processo educativo. São essenciais para que o resto da educação funcione.

Devia haver professores no recreio?

Os estudos indicam que deve haver supervisor mas não tem de intervir. O jogo deve ser livre. E isto leva-nos a outra questão: impera na sociedade uma cultura do medo e uma aversão ao risco. Precisamos que os educadores, tal como os pais, tentem resistir à tentação de proibir as crianças de experimentar e de brincar livremente.

Chama a esse receio o “terrorismo do não”. Não é uma imagem forte?

Sim, mas é preciso percebê-la. Quando me refiro ao terrorismo do não falo das proibições e limitações de linguagem que os adultos utilizam para não permitir que as crianças se confrontem com o risco e situações adversas. Este medo gera nas crianças uma grande insegurança, coagindo-as a não fazer o mais natural na infância, que é um tempo de experimentação, de impertinência, de caos.

Quando começou a instalar-se o terrorismo do não?

Falo disto há 20 anos, acho que foi quando se começou a notar esta tendência.

O que a explicará?

Serão vários os motivos. Um deles é a forma como os media divulgam acidentes, raptos e violações, como se fosse algo muito comum. Isso criou receio na cabe-

ça dos pais. E fomos tendo um modelo de urbanização cada vez mais limitador, com poucos espaços de jogo. Não temos cidades pensadas para as crianças, são desesperadamente adultas. Estamos muito atrasados nesse aspecto em relação aos países nórdicos e da Europa Central. Creio que tem muito a ver também com a nossa má gestão do tempo e falta de equilíbrio entre trabalho e família.

Como assim?

Existe muito pouca harmonização do tempo de família. As crianças só têm tempo para experimentar e brincar se os pais também tiverem: estarem presentes e assistirem é a forma de se sentirem seguros. Tem de haver coragem política para mudar este estado de coisas. Nos países nórdicos entra-se no trabalho às 8h e sai-se às 16h. Os pais vão buscar os miúdos à escola de bicicleta. Porque é que isso não acontece cá? Em vez de olhar para este problema os adultos tentam colocar as crianças nas suas superagendas. Brincar é a identidade da infância e isso não está a ser respeitado. É por isso que digo que a escola tem de ajudar, proporcionar essa brincadeira enquanto a sociedade como um todo não muda. Neste momento, com a rua em vias de extinção, os recreios são a única alternativa que as crianças têm.

O que sugere?

Os recreios tem de ser pensados e estimados da mesma forma que as salas de aula. Devem ter equipamentos, superfícies de impacto adequadas, estímulos.

Se tivesse de equipar um recreio, como fazia?

Metia areia, água, árvores, casas em cima das árvores, formas de escalada, elementos que pudessem desencadear do ponto de vista corporal comportamentos com mais atitudes de risco.

Hoje seria preciso os pais assinarem um papel a dizer que autorizam o educando a subir à árvore no intervalo.

Mas não pode ser. Os pais, e os adultos no geral, têm de perceber que as crianças têm uma capacidade muito grande de autocontrolo. A partir dos 4 anos dificilmente têm acidentes. E, além disso, as crianças que não são confrontadas com o risco são as que estão mais propensas a ele. Temos de olhar para esta pandemia do sedentarismo e pensar se queremos mesmo este analfabetismo motor.

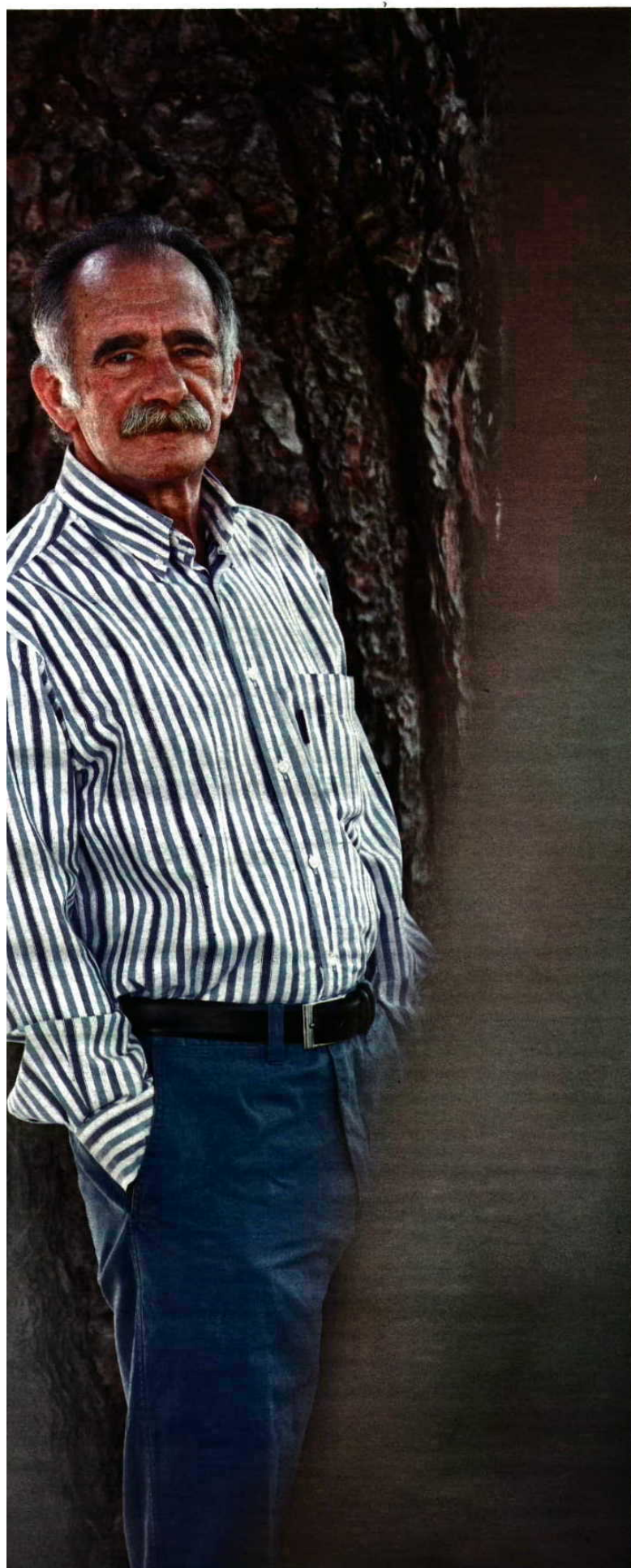
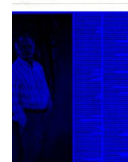
Onde nota o analfabetismo motor?

Há imensas crianças com dificuldades motoras de coordenação, desde o saltar ao eixo, ao pé coxinho. Não sabem correr,

“Os recreios fazem parte do processo educativo. São essenciais para que o resto da educação funcione”

“Precisamos que os pais tentem resistir à tentação de proibir as crianças de experimentar e de brincar livremente”

“Com a rua em vias de extinção, os recreios são a única alternativa que as crianças têm”



não sabem trepar. Tudo isto resultou da cultura do medo que impôs regras como não puderem fazer jogos de perseguição como a apanhada ou brincar às lutas. Mas o problema não se nota só nas escolas. Hoje as crianças raramente se confrontam com o desconhecido. Vêm as suas cidades pelo vidro dos automóveis.

Que diferenças se notam quando estes jovens chegam à universidade?

Talvez a Faculdade de Motricidade Humana não seja bom exemplo pois são jovens que foram activos na infância e fizeram desporto, o que não significa que não haja casos de alunos que chegam com uma cultura motora mais pobre. Agora o que se sente no geral é que o estudante do ensino superior é mais imaturo do ponto de vista motor e até emocional mas é mais consistente ao nível cognitivo. É mais culto ao nível cognitivo e menos culto ao nível motor e social. E esse lado é fundamental para exercer o outro. Se uma criança não brincar muito e não for activa na infância dificilmente poderá ser um adulto empreendedor. Se não foram felizes, se não puderam fazer asneira, se lhes foi dado tudo pronto, não vão resolver problemas e construir uma cultura adaptativa para ter sucesso.

É melhor visto o estímulo cognitivo do que a brincadeira física?

Sim, o corpo anda completamente esquecido, até com as novas tecnologias.

Vê-as como uma ameaça?

Não. Estão cá e temos de viver com elas. Agora nunca nos podemos esquecer que tem de haver um equilíbrio e que é importante estar em movimento. Isto é decisivo. Imensas investigações têm demonstrado que o jogo e o corpo activo tem um papel fundamental no desenvolvimento do cérebro e das ligações sinápticas.

Devia proibir-se os telemóveis?

O caminho não passa por proibir nem por obrigar. Tem de haver estímulos igualmente atractivos e possibilidades para as crianças poderem fazer aquilo que lhes é mais natural. Com estas limitações que pomos e deixando, por comodismo, que passem demasiado tempo sentadas, qualquer dia não têm quaisquer conhecimentos motores. Será como ter de ensinar um macaco a trepar às árvores.

O que acontece quando se faz isso a um animal?

Os animais em cativeiro morrem mais cedo, têm mais doenças. Estamos a criar uma sociedade de cativeiro para as crianças e o risco é precisamente esse.

O que aconselharia os pais a dizerem a eles próprios quando lhes der vontade de dizer "não faças isso"?

Têm de lutar contra a sua insegurança. Têm de perceber se os seus receios têm fundamentos e pesar as consequências. E têm de perceber que as crianças têm uma grande capacidade de autocontrolo. Se adiarem a experimentação, só as estão a tornar mais vulneráveis. Os estudos que temos feito mostram que em Portugal as crianças têm muito pouco independência. Quando em 16 países estamos em 14.º lugar, ao lado da Itália, quando países com pior clima dão muito mais liberdade às crianças, isto devia dar-nos que pensar.

Sentiu esse dilema com os seus filhos?

Tenho um filho com 32 anos e nunca

impus limitações. Pôde explorar um monte que tínhamos ao pé de nossa casa em Linda-a-Velha. Isto não quer dizer que se deva deixar as crianças fazer tudo ou que não haja disciplina, mas os adultos não podem estar sistematicamente a atrapalhar as crianças. Devem pensar mais na liberdade que tiveram. Os avós, que ainda tiveram mais, muitas vezes hoje são quem mais deixa os miúdos brincar e que lhes dão a liberdade de que precisam.

A crise da natalidade será parte do problema, o facto de haver poucas crianças torna-as um bem mais precioso para os pais?

Talvez. Sabemos que famílias com poucas crianças são mais protectoras. Mas é um problema geral. As crianças hoje, além do sedentarismo, não têm oportunidade de conhecer os sítios onde vivem, de desenvolver a sua identidade territorial.

São mais infelizes?

Do meu ponto de vista sim. Costumo dizer que crianças saudáveis são as que esfalam os joelhos. Não quer dizer que se isso não acontece são umas totós, mas uma criança que nunca fez uma asneira, que nunca se sujou, certamente terá perdido imensas oportunidades de crescimento. As crianças aprendem através de situações inesperadas.

Falou do impacto que isso tem na sua capacidade empreendedora mais tarde. Continuar este terrorismo pode comprometer o desenvolvimento do país?

Acho que sim, teremos seguramente cidadãos menos empreendedores e isso tornará mais difícil conseguir ultrapassar crises e inovar.

Muitos pais multiplicam a agenda das crianças em actividades extracurriculares. É um mal menor?

É positivo, ainda mais se forem diversificadas. Hoje em dia nas escolas há cada vez menos tempo dedicado à Educação Física e Desporto e às actividades artísticas, o que não faz qualquer sentido, e aí pode ser uma solução. Agora carregar a agenda das crianças com actividades e deixá-las sem tempo livre para brincar ao que quiserem é uma tragédia. É quase trabalho infantil e não resolve nada. É uma falsa solução. Brincar livremente é um direito da criança, previsto no artigo 31 da Convenção sobre os Direitos da Criança. Diz que a criança tem direito ao repouso e aos tempos livres, o direito de participar em jogos e actividades recreativas próprias da sua idade e de participar livremente na vida cultural e artística. Os estados-membros assinaram este artigo e ele tem de ser respeitado em casa, na família e na comunidade.

Como encara o futuro?

Não devo fazer ficção científica mas obviamente que a evolução não termina aqui. E se hoje temos uma cultura muito aperfeiçoada na cabeça e nas mãos, esquecemo-nos dos pés. Não podemos substituir toda uma cultura motora pela cultura dos dedos. Se não correremos, não nadamos, não dançamos, acho que se coloca um grande desafio ao que será o corpo humano no futuro.

Teremos mãos maiores?

Se calhar só teremos cabeça e não poderemos ir a lado nenhum. [risos] E um corpo sentado e imóvel é o caminho rápido para a doença.



A tecnologia não lhes roubou a vontade de serem crianças

Os tablets e os computadores vieram para ficar, mas não há nada que substitua uma boa corrida ou partida de futebol

CATARINA CORREIA ROCHA
catarina.rocha@ionline.pt
MELISSA LOPES
melissa.lopes@ionline.pt

"Corrupção e branqueamento de capitais! Foi por isso que ele foi preso." Esta podia muito bem ser uma conversa de gente grande, mas não é. São miúdos, têm entre 10 e 11 anos e uma clarividência no discurso que espanta graúdos. Falavam de Sócrates e, claro, do homem

que foi entregar uma pizza ao ex-primeiro-ministro. E riam-se do episódio.

As aulas no Colégio Oriente, em Lisboa, ainda não começaram mas pela azáfama até parece que sim. Era dia de reuniões com os pais e de afinar o regresso às aulas que é já na segunda-feira. "Mas no primeiro dia vai ser só actividades", contam com entusiasmo de quem está desejoso de voltar a ver os amigos depois do longo período de férias.

Aliás, a brincadeira é um aspecto que

qualquer escola jamais poderia descurar. "É fundamental para extravasar energia e para fomentar laços entre as crianças", explica a directora Sónia Lopes que nos encaminha para uma sala de aulas, ainda sem alunos, mas com professoras prontas para receber os pais nas carteiras, já organizadas alfabeticamente com o nome de cada criança. Para as duas professoras do 1.º ciclo, o recreio serve para preencher uma grande lacuna que advém do facto de hoje em dia as crianças passarem cada vez mais tempo fechadas em casa, menos acompanhadas e mais isoladas. O convívio na escola é por isso indispensável e a grande oportunidade, por vezes a única, para estarem com os amigos.

Na escola pública EBI de São Bruno, em Caxias, a brincadeira também é para ser levada a sério, até porque em casa o "descer as escadas e brincar com os amigos acontece cada vez menos", considera a directora Isabel Lourenço. "Organizamos os nossos horários de recreio com tempo suficiente (meia hora de manhã e uma hora de almoço) para socializar e brincar. Sentimos que para haver sucesso escolar, são precisas pausas com qualidade - tempos livres e tempos de socialização entre grupos", acrescenta.

Os benefícios dos intervalos são mais

que muitos. São necessários para reabastecer os níveis de concentração, porque ao fim de 1h30 existe uma quebra no rendimento escolar das crianças. Ajuda na construção da personalidade, na socialização, no saber gerir os conflitos e as emoções. E isso depois nota-se nas aulas e na união de todos enquanto turma, sublinham as professoras do Colégio Oriente, que vêem nas brincadeiras de hoje semelhanças com as da sua própria infância. "As ladainhas são as mesmas, com uma ou outra inovação pelo meio."

Energia não lhes falta e desengane-se quem pensa que a maioria destas crianças brinca com telemóveis e tablets. "Isso é irritante", justificam quase em uníssono o grupo de cinco amigos com quem conversámos no pátio. "Depois perdemos, e é chato." É certo que há colegas que o fazem, mas para os cinco, as pausas são mesmo para brincar uns com os outros ao "pisca", ao "polícia e ladrão", ao "tubarão", ao "crocodilo", ou jogar às cartas. "Também gostamos de dar voltas ao colégio a conversar. Conversamos muito", reforça a mais baixinha, a menina que já foi cara de publicidades várias (até para um anúncio de um banco do qual não se lembra o nome) mas que não gosta de aparecer. Impõe-nos uma condição: "Posso não dar o meu nome? É que sou

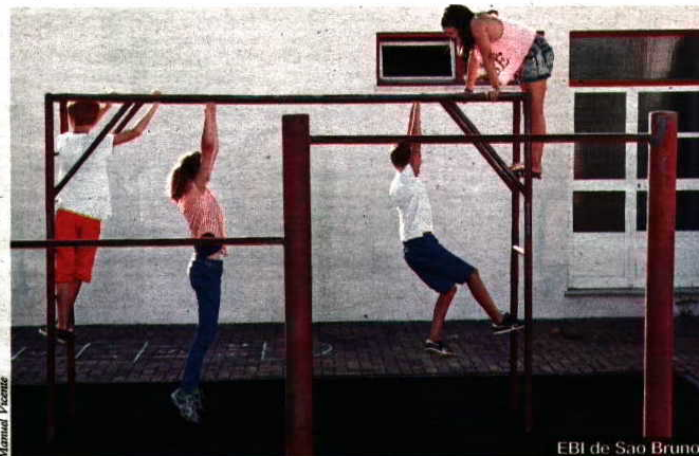


Dossiê

>>



EBI de São Bruno

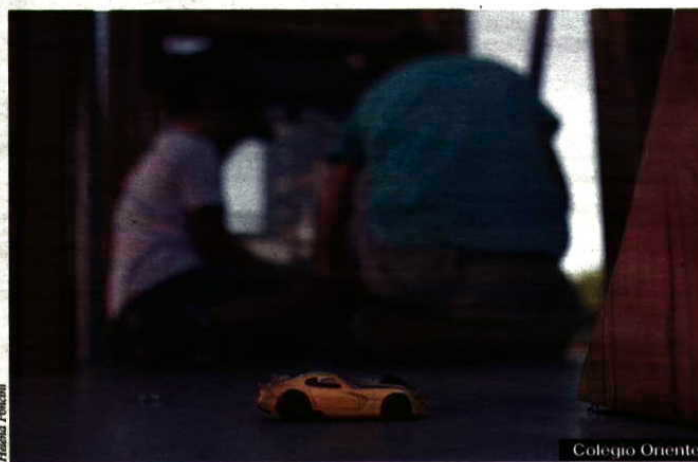


Manuel Vicens

EBI de São Bruno

30

Na EBI de São Bruno, o recreio da manhã é de 30 minutos. É neste momento que as crianças reforçam o pequeno-almoço e aproveitam para brincar e socializar com os colegas.



Helena Pires

Colégio Oriente

muito anti-social." Os amigos tentam demovê-la mas a colega é de ideias fixas.

TECNOLOGIA VS. ACTIVIDADE FÍSICA No Colégio Oriente, os aparelhos tecnológicos são proibidos a alunos do 1.º ciclo. Os restantes, do 2.º e 3.º ciclos, podem usar mas com moderação. Se as auxiliares repararem que estão demasiado tempo "agarrados" aos telemóveis e tablets, têm instruções para lhes recomendarem ir fazer qualquer coisa diferente. Alguns seguem regras impostas pelos pais: "Eu só posso jogar [Playstation Vita] durante uma hora e três quartos", atira um miúdo sentado numa mesa redonda. Ao lado, outros dois rapazes fazem um "braço de ferro" - coisa de homens. Tão intemporal quanto o jogar à apanhada ou às escondidas. Nada disso passou de moda, mas não podemos negar que a tecnologia veio para ficar e conquista cada vez mais os mais novos.

No agrupamento de escolas de Caxias ninguém está proibido de usar tecnologia no recreio. Isabel Lourenço diz que embora se aconselhe as crianças a não trazerem jogos e telemóveis, nos intervalos não podem impedir que estejam a usá-los ou para ouvir música ou até para mandar mensagens aos outros quando estão no mesmo espaço.



Helena Pires

Colégio Oriente

Há uma preocupação, de ambas as escolas, em manter as crianças activas. Na EBI de São Bruno, por exemplo, há dias marcados no calendário em que as crianças são motivadas a darem 10 mil passos à volta da escola - é o dia da escola activa. "Há uma noção de que é importante estimular a parte motora, a caminhada e a corrida", justifica a directora.

AINDA SABEM BRINCAR? Não faltam teorias e estudos alarmistas que apontam no

sentido de as crianças já não saberem brincar. Não foi o que vimos nas duas escolas que visitámos e as responsáveis confirmam que sim, as crianças sabem brincar, caso contrário não seriam crianças. Isabel Lourenço, da escola de Caxias, continua a acreditar que ser criança é desfrutar de tudo aquilo que a noção de brincar envolve. "Não é viver só no mundo dos adultos ou rodeados de tecnologias."

A hora do recreio funciona da mesma maneira em ambas as escolas. Há espa-

ços para jogar à bola, muitos locais para brincar ao ar livre e o que cada um decide fazer durante esse período é totalmente espontâneo. No entanto, há sempre supervisão de auxiliares para garantir que as crianças não arriscam demasiado nas brincadeiras e para apaziguar situações de conflito.

O nível de liberdade que os pais conferem a cada criança é variável. Isabel Lourenço constata que há pais que deveriam ser mais activos e presentes na vida escolar e na ligação da escola à família. E outros, em maior número, que são exactamente o oposto: demasiado protectores. Estes, refere a directora, revelam tanta ansiedade e exigem tanto do desempenho dos filhos, que os sobrecarregam com outras actividades e acabam por não lhes dar "asas para voar". Para prevenir que os pais mais protectores peçam satisfações sobre qualquer incidente ou arranhão provocado na escola, a EBI de São Bruno tem como política informar os pais para que fiquem mais tranquilos. Muitos estão a ser criados numa redoma, critica ainda a responsável, que é da opinião que "faz bem esfolar um joelho de vez em quando". "Mas temos de entender que a sociedade mudou de tal forma que mudaram as mentalidades e não podemos lutar contra isso", remata.

50

No Colégio Oriente, os alunos do 1.º ciclo têm 50 minutos de pausa, distribuídos pela manhã (20 minutos de intervalo e duas pausas de 5 minutos) e pela tarde (outros 20 minutos). Além da típica hora de almoço.



1. Família Abreu



2. Família Gonçalves

Infância. Brincadeiras que atravessaram três gerações

Brincar é uma linguagem universal. As brincadeiras podem ter mudado ao longo das gerações mas uma coisa é certa: não há quem se esqueça de como é ser criança

CATARINA CORREIA ROCHA (Texto)
catarina.vicente@ionline.pt
MANUEL VICHENTE (Fotos)
fotografia@ionline.pt

1. ABREU. AS BONECAS E O INSTINTO MATERNA

A avó Ilda gosta de ter tudo sob controlo. E essa característica já dava ares da sua graça nas brincadeiras de criança: "Só queria ser a professora, a mãe ou a madrasa, que era para poder mandar", atira entre sorrisos. E ainda hoje é assim: "Não gosto que mandem em mim!"

Aos 80 anos, lembra-se da infância como se tivesse sido ontem. O tempo em que brincava com as irmãs e as amigas no grande quintal da casa de Aljustrel está cravado na memória. "As raparigas batiam-me ao portão e iam para lá brincar. Fingiamos jantares ou brincávamos às professoras." As bonecas de trapos e as cantigas eram outras das diversões da matriarca Abreu: "Há uma boneca que recebi no Natal que não me sai da cabeça. Era de celulósio e tinha um fato vermelho." Apesar das dificuldades e da guerra que acompanharam Ilda nos primeiros anos de vida, o 25 de Dezembro nunca caiu no esquecimento: "Recebia lápis de cor, tabletes de chocolate ou alguma roupa." Sabe que teve uma sorte que não assistiu a todas as crianças da época: "Eu sabia que havia pessoas da minha idade que não tinham prendas. Mas o meu pai era muito cuidadoso nisso", recorda com emoção.

Margarida já viveu num tempo diferente do da mãe. "Gostava de brincar aos supermercados, especialmente para ser a senhora da caixa. Fui também a senhora dos correios porque quando lá íamos elas tinham sempre uns carimbos que faziam muito barulho: eu adorava e também tinha uns iguais", conta. Brincar às peixeiras, tal e qual via fazer, era outra das diversões de criança: "Brincava com a balança da cozinha e o meu peixe eram as molas da roupa."

Além desta componente de imitação do que via quando ia aviar recados, Margarida transportava também o seu instinto maternal para os bonecos: "As meninas sabem naturalmente brincar. Há sempre o instinto: eu passava isso para um careca que tinha e de que gostava imenso". Esta característica foi herdada pela filha, Leonor, de cinco anos. "Olhar para ela a brincar com os bonecos é como um espelho. Ela faz aos bonecos aquilo que nós fazemos com ela."

Até aos três anos, Leonor passou as tardes com a avó. "Eu tinha 74 anos e pensei: se ela está com uma pessoa idosa vai ficar velha antes do tempo!" A preocupação deu lugar à memória. Ilda foi buscar tudo o que se lembrou da sua infância, especialmente as cantigas: "Querida que ela fosse uma criança alegre. Hoje é muito canta-

deira, quando a vou buscar à escola vem sempre a cantar em inglês. Eu digo-lhe que não percebo, só sei cantar em alentejano!", brinca.

Já Margarida afirma que a filha tem "um upgrade de software": "A minha componente mais tecnológica em criança era uma máquina de calcular! Ela brinca com o tablet e tenho o telemóvel cheio de jogos que ela lá põe." Contudo, na hora de escolher, Leonor não tem dúvidas: "Gosto mais das bonecas." E gosta mais de dar mimos ou mandar? "Gosto de mandar nelas!", responde a rir. Quem sai aos seus...

2. GONÇALVES. OS CROMOS, O SPECTRUM E O BASQUETEBOL

O avô Gonçalves era um privilegiado no contacto com a natureza. Apesar de viver em Lisboa, tinha uma família muito ligada à agricultura pela parte dos avós: "Os três meses de férias eram sempre em Leiria ou no Cartaxo. Ia com a família fazer trabalhos de agricultura, era o meu devaneio de férias." Hoje, diz com mágoa, "as crianças nem sabem como os alimentos são cultivados ou como se criam os animais, tirando os cães e os gatos".

Nos meses de aulas, Joaquim tinha um grande hobby: os cromos. "Fazia colecções dos cromos dos jogadores de futebol com o meu pai. Também jogava ao berlinde e ao pião mas mais tarde voltei aos cromos de actores de cinema", conta. Jogava na escola para tentar ganhar mais cromos: "Mas uma vez perdi uns que eram muito importantes. Levei uma tarefa!", conta a rir. Em casa, era a imaginação que dominava. Joaquim jogava futebol e as meias do pai faziam de baliza. Os brinquedos não abundavam e, talvez por isso, aos 74 anos ainda se lembra do primeiro que recebeu: "Foi um cavalo de cartão que o meu tio me deu. Como todas as crianças, a minha primeira atitude foi abrir-lhe a barriga para ver o que lá estava. Ficou estragado." Mais tarde, recebeu um brinquedo "insuperável e

lindíssimo": uma camioneta de lata com pneus de borracha. "Era um sonho de brinquedo! Mas, ao lembrar-se do cavalo, a minha mãe guardou-o na prateleira mais acima que havia na despensa. Lá se foi o meu sonho!", ri-se.

Depois, apareceu uma bicicleta: "Eu usava-a para engatar miúdas lá na rua e a minha mulher caiu na esparrela!" Nasceu o Rui e, 44 anos depois, entende que as suas brincadeiras foram muito parecidas às do pai. "Mas a minha infância está dividida em duas partes: uma em que andávamos na rua a jogar à bola, a andar de bicicleta ou a fazer carrinhos de rolamentos e depois há um ponto de viragem quando aparece o Spectrum 48K." Ao contrário de Joaquim, Rui não se lembra do primeiro brinquedo que teve. Apenas da "dificuldade que era conseguir tê-lo". Com a sua imaginação ou usufruindo do espírito de entre-ajuda que mantinha com os vizinhos da mesma idade, nunca faltaram actividades: "Tínhamos um espírito criativo que se perdeu agora nos mais novos. Isso dava-nos um grande desenrascanço!" Com o computador, as brincadeiras de rua foram substituídas pelas estadias em casa dos amigos a jogar.

Pedro, o mais novo dos Gonçalves, tem 12 anos acabados de fazer. Gostava de ter amigos na sua rua com quem pudesse brincar, tal como acontecia com o seu pai. Essa falta só é colmatada quando viaja até à terra natal da mãe: "Gostava que aqui fosse assim mas lá até vamos a casa uns dos outros. Aqui, os meus amigos são os da escola".

Para se distrair quando chega da escola, brincava com tudo o que encontrava numa grande arca do seu quarto. "Na infância não tinha PlayStation mas brincava com cromos de jogadores de futebol com as equipas de todo o mundo." Hoje, o basquetebol é o desporto favorito de Pedro. O telemóvel fica na gaveta: "Nem o uso muito. Só mensagens e chamadas!"

3. CASTANHEIRA. A COSTURA DEU LUGAR AO COMPUTADOR

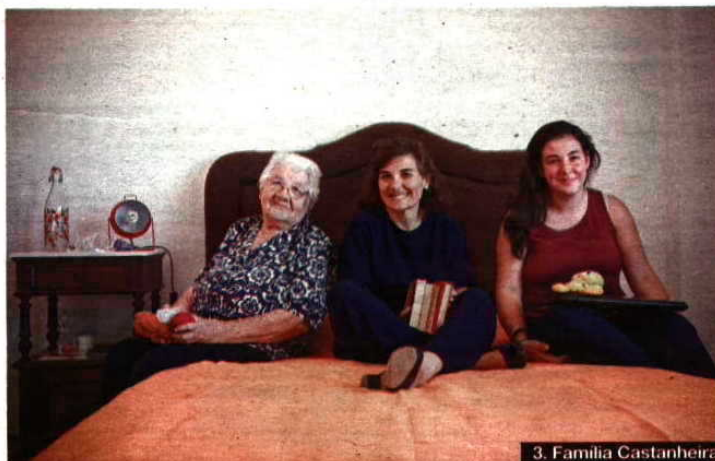
A palavra "infância" não fez parte do vocabulário da avó Rosete. "Eu não brincava, eu trabalhava. Tinha um irmão e os meus pais entenderam que as mulheres não eram para estudar." Fez a quarta classe e depois o segundo ano na escola industrial. Deixou a escola. O irmão é que tirou o curso. Quando era mais nova também não ia para a rua brincar: "Só ia às vezes para o Jardim da Estrela mas com hora marcada para voltar. Ficava lá a ver os outros passear porque não estava habituada a isso. Ou então corriamos às escondidas ou íamos ao escorrega."

Aos 12 anos, fez da costura a sua vida. "Fui trabalhar e acatar sacas de carvão porque naquele tempo não havia electricidade e não ser nos sítios públicos. Para trabalharmos precisávamos de ter o fogareiro ligado todo o dia", explica. Aos 86, Rosete não tem dúvidas: "Os meus filhos brincaram. Fiz tudo para que eles tivessem uma vida diferente. Jurei que os meus filhos iam ser mais do que eu."

Confirmou-se. Catarina tem 48 anos e relembra a sua infância como um tempo feliz. "Brincava em casa com as bonecas ou então com barquinhos de papel que depois ia vender ao portão. Ainda hoje não sei porque, mas a verdade é que as pessoas mos compravam a um ou dois tostões. Era a minha forma de brincar na rua." As bonecas eram outras das perdições da pequena Catarina. "Brincava imenso com elas e adorava dar-lhes banho mas a minha mãe ralhava comigo porque elas ficavam cheias de água lá dentro. Depois ia vesti-las para a cama e molhava tudo!", conta com um sorriso. Influenciada pelo irmão, 13 anos mais velho, Catarina apaixonou-se pela leitura e pelos museus. Hoje, olha para a sua filha, também Catarina, e percebe que tem outros interesses. "Há a necessidade de sair que eu não tinha. E mesmo quando se entreteém em casa há diferenças: eu lia e brincava com bonecas, ela estava no computador e a ver filmes."

A grande influência que os computadores e os Sims tiveram na vida de Catarina, a mais nova da família, só se compara à das Barbies e dos Nenucos: "Quando era pequenina tinha esses bonecos e a minha avó costumava fazer roupas para eles. Também nos costumava dar bocados de tecido para fazermos casquinhos." O passado não ficou para trás.

Agora com 18 anos, Catarina entende que havia uma estranheza da parte da avó quando a via no computador: "No tempo dela não havia nada disso!" Quanto às semelhanças, essas são indiscutíveis. "Os tempos podem ser diferentes mas os nossos valores são os mesmos."



3. Família Castanheira



DOSSIÊ CRIANÇAS. AS QUE NÃO SÃO CONFRONTADAS COM O RISCO SÃO AS QUE ESTÃO MAIS EXPOSTAS

Crianças portuguesas são das que têm menos liberdade no dia-a-dia // Aos oito anos, mais de metade vão para a escola de carro. E só uma em dez vai sozinha // Pais têm medo de atropelamentos; crianças, dos estranhos // “Crianças saudáveis são as que têm joelhos esfolados” // PÁGS. 18-27